

# Taxonomia de Adjetivos Descritores da Personalidade

## Taxonomy of Personality Descriptors

*Cristina Coutinho Marques de Pinho*  
*Centro Universitário Hermínio Ometto – Araras-SP*  
*Raquel Souza Lobo Guzzo*  
*Pontifícia Universidade Católica de Campinas*

---

---

### Resumo

Esta pesquisa refere-se aos adjetivos descritores da personalidade da língua portuguesa, a partir do léxico. Os objetivos são identificar os descritores e comparar as avaliações dos juízes. Foram sujeitos-juízes seis professores universitários, seis membros da Academia Paulista de Psicologia e a primeira autora, como juiz constante, para avaliar uma lista de adjetivos segundo critérios estabelecidos pelo modelo alemão. Os resultados foram analisados atribuindo uma valoração aos critérios, sendo selecionados os adjetivos que obtiveram uma média maior ou igual a três. Do total de adjetivos (5641), 938 (16,63%) obtiveram a média exigida. Houve uma concordância significativa entre os juízes. Considerando que a organização dos adjetivos descritores da personalidade dá origem a uma base de dados científica, que poderá servir para o aprimoramento de técnicas e instrumentos para a avaliação psicológica e de ferramenta para estudos da personalidade, sugere-se a continuidade deste trabalho, e o desenvolvimento de pesquisas derivadas deste.

*Palavras-chave: Taxonomia – Personalidade – Avaliação Psicológica*

### Abstract

This study is based on a German model of taxonomy and it refers to personality descriptors adjectives of the Portuguese language, based on the lexicon. The goals are to identify the personality descriptors and compare the evaluations made by the judges. Six university professors, six members of the São Paulo Academy of Psychology and the first author were the judges. The results were analyzed attributing a valuation to the criteria and those that had an average identical or greater than three have been selected. Of a total of 5641 adjectives, 938 (16.63%) achieved the required average. Agreement between the judges was high. Considering that the organization of the description of adjectives of the personality results in a database that will be functional for the improvement of techniques and instruments for psychological assessment and as a tool for personality studies in Brazil, further studies are suggested in continuity of this work.

Keywords: Taxonomy; Personality; Psychological Assessment.

---

---

Endereço para Correspondência:  
Rua Conchal, 95 apto 61 Jardim Rollo Araras-SP 13600-390  
tel.: (19) 3544-6535 [crispinho@dglnet.com.br](mailto:crispinho@dglnet.com.br)

### Nota dos Autores:

Dissertação de Mestrado, defendida em fevereiro de 2001, com o apoio da CAPES, na área de Psicologia Escolar pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas, sob a orientação da segunda autora

O presente trabalho foi uma pesquisa de base, que pretendeu fornecer subsídios para a construção de instrumentos de avaliação psicológica, especialmente de avaliação da personalidade. Tratou-se do estudo de descritores da personalidade da língua portuguesa baseado na abordagem psicoléxica, que está fundamentada na necessidade de descrever, organizar e classificar características e diferenças individuais usando a linguagem cotidiana como referência. A busca pelas palavras descritoras da personalidade pode ser feita por meio do léxico da língua, e tem sido estudo constante de pesquisadores da área (Angleitner, Ostendorf e John, 1990).

A taxonomia, ou taxionomia, permite aos pesquisadores estudar a personalidade como um todo, já que oferece todas as características (ou traços) individuais presentes na língua. Uma outra contribuição importante de uma taxonomia é o suporte que gera para a construção de instrumentos de avaliação psicológica, da personalidade, do temperamento, da criatividade e de tantos outros constructos (Engler, 1991; Bates, 1989).

Este trabalho, que vem sendo desenvolvido pela equipe do Laboratório de Avaliação e Medidas Psicológicas - LAMP, da qual a Autora faz parte há oito anos, serviu para o acúmulo de conclusões empíricas, por oferecer uma nomenclatura padrão. Nas palavras de Bloom, Engelhart, Furst, Hill e Krathwohl (1983) “a principal finalidade de uma taxionomia (...) é facilitar a comunicação” (p.9). Por se tratar de um estudo transcultural, a comunicação é um cuidado a ser tomado, em especial em estudos em que o constructo é a personalidade humana, uma vez que existem diferentes pontos de vista teóricos.

O LAMP desenvolveu duas das quatro fases para a construção da taxonomia brasileira de descritores da personalidade, fazendo comparações com estudos de outros países (Guzzo, Pinho e Carvalho, 2002). A proposta da presente pesquisa foi dar continuidade a este estudo, desenvolvendo a terceira fase.

Esta pesquisa poderá servir para qualquer área da Psicologia. Foi desenvolvida no curso de Mestrado em Psicologia Escolar, na linha Fundamentos e Medidas da Avaliação Psicológica, por ser este um campo de interesse da Autora, que tem percebido, em sua prática, a necessidade de melhorar a qualidade da avaliação de crianças e adolescentes em idade escolar e instrumentalizar o professor a (re)conhecer as diferenças individuais dos seus alunos.

“A personalidade é frequentemente considerada um obstáculo em programas educacionais,

embora muito dependa da perspectiva conceitual que o psicólogo educacional está disposto a assumir. Quando pais preferem tratar suas crianças igualmente e professores preferem tratar seus estudantes igualmente, diferenças entre aprendizes são consideradas problemas no ensino e educação, ao invés de recursos a serem desenvolvidos mais adiante” (De Raad e Schouwenburg, 1996: 328).

As diferenças individuais devem, portanto, ser respeitadas e compreendidas, tanto por pais como por professores. Essas diferenças podem ser melhor identificadas com instrumentos de avaliação psicológica adequados.

No Brasil, as pesquisas sobre avaliação psicológica e todo o seu processo ainda são escassas. Dentre as dificuldades mais apontadas pelos estudiosos estão o reduzido número de pesquisadores nesta área; a ausência de cursos de pós-graduação em Psicologia ou Educação que possuam linhas de pesquisa envolvendo testes psicológicos; e a carência que os profissionais de Psicologia têm de ferramentas de avaliação adequadas para a realidade em que atuam, ou seja, a qualidade e quantidade de instrumentos de avaliação disponíveis são insuficientes e insatisfatórios – os principais testes objetivos usados no diagnóstico e avaliação da personalidade, inteligência, memória, assim como baterias neuropsicológicas, não estão adaptados e normatizados para o uso na nossa realidade, podendo, por essa razão, entrar em choque com os compromissos éticos e profissionais do psicólogo em sua prática (Pasquali, 1992; Hutz e Bandeira, 1993; Kupfer, 1994; Crystal, 1995; Andaló, 1996; Andriola, 1996; Novaes, 1996; Pfromm Netto, 1996; Wechsler, 1996; Mendonça, 1997).

Embora várias medidas venham sendo tomadas na direção de um aprofundamento da pesquisa relativa à avaliação em geral, e dos instrumentos psicológicos em especial, a situação ainda padece da falta de esforços concentrados para minimizar seus problemas (Hutz e Bandeira, 1993; Pasquali, 1999).

A escolha do instrumento de avaliação, assim como a informação que este fornece são um cuidado especial que o psicólogo deve ter para, de fato, compreender o sujeito em suas dimensões, já que os resultados destes testes podem exercer influências sobre a vida dessas pessoas, seja numa avaliação durante a vida escolar e profissional ou na vida pessoal (Arias, 1995).

Se a Psicologia brasileira não dispõe de instrumentos para avaliação, de uma forma geral, as difi-

culdades se acentuam na área da avaliação da personalidade. A personalidade parece tão ligada à cultura e ao senso comum que teóricos, cientistas e pessoas leigas referem-se a ela de forma muito parecida. Por este motivo o estudo formal da personalidade é necessário, talvez mais do que qualquer outro.

No âmbito internacional, a avaliação da personalidade também apresenta alguns limitadores que vêm sendo estudados por aqueles que buscam respostas e critérios para este tipo de atividade. Um dos limites é a pouca instrumentalização existente para a avaliação da personalidade, preocupação esta que vem mobilizando diferentes países e inúmeros pesquisadores para torná-la mais adequada aos critérios de medida em Psicologia (Church & Lonner, 1998; Hutz, Nunes, Silveira, Serra, Anton e Wiczorek, 1998; Pasquali, 1999).

O estudo da personalidade deve proporcionar o conhecimento do funcionamento e comportamento humano a partir das diferenças individuais, e o instrumento de avaliação da personalidade deve, portanto, ser capaz de avaliar e descrever tais características (Church & Lonner, 1998).

Apesar da personalidade ser um constructo da Psicologia bastante descrito na literatura, destaca-se pela dificuldade de ser definido e estudado. Os diferentes teóricos da personalidade, muitas vezes, ao apresentar suas idéias, rejeitam ou excluem outras visões deste constructo, dificultando ainda mais o estudo do mesmo (Eysenck, 1974; Allen, 1997). Se diversos pesquisadores concordassem com um conjunto de constructos, poderiam coordenar melhor a pesquisa de problemas comuns da área.

Todas as teorias da personalidade contêm três aspectos fundamentais: descrição (das diferenças individuais), dinâmica (mecanismos pelos quais a personalidade se expressa) e desenvolvimento da personalidade (formação e mudança da personalidade). Estes aspectos respondem às perguntas mais importantes sobre a personalidade: como as pessoas se diferem umas das outras? Como se desenvolvem? Como se pode entender a dinâmica que as motiva a agir de uma forma e não de outra?

As diferenças entre as diversas teorias são evidenciadas na forma como respondem a estas perguntas. Não importa o valor dado a cada aspecto, o importante é que todas as teorias respeitem essas três características, que são temas inter-relacionados.

Apesar das divergências entre as teorias, existem alguns aspectos da personalidade com os quais os estudiosos concordam, tais como: as diferenças individuais são relativamente estáveis (o indivíduo

apresenta algumas características consistentes em diferentes situações); a personalidade pressupõe uma adaptação do indivíduo ao mundo; boa parte da personalidade é genética; a personalidade inclui dimensões comportamentais e traços (Allen, 1997; Church & Lonner, 1998, Cloninger, 1999, Lykken, 1999).

Muitos pesquisadores preferem não considerar a perspectiva do traço como uma abordagem teórica, com o preceito de que o traço de personalidade é um aspecto duradouro que influencia o comportamento, mas desenvolvem pesquisas para o refinamento e revisão do conceito do traço, destacando que ele serve mais como descritor das diferenças individuais do que como determinantes do comportamento. Como principais autores que contribuíram para o desenvolvimento desta perspectiva estão Gordon Allport e Raymond Cattell.

O conceito do traço tem ocupado um lugar de destaque no domínio da avaliação da personalidade (Wiggins e Pincus, 1992; McCrae e Costa, 1995; Riello, 1999). O desenvolvimento e avanço de estudos de traços têm gerado modelos teóricos considerando fatores gerais da personalidade (Wiggins, 1980).

Chegou-se a afirmar que uma abordagem de traços fornece a base para um paradigma coerente da teoria da personalidade na tradição da ciência natural, uma vez que “em todas as ciências a taxonomia precede a análise causal” (Cloninger, 1999: 213).

Gordon Allport foi o mais proeminente defensor do conceito do traço, estudando-o sistematicamente de 1931 até sua morte, em 1967. Este autor usou o conceito de traço de duas maneiras: como descritores das diferenças individuais e como determinantes do comportamento (John, Angleitner e Ostendorf, 1988; Cloninger, 1996, 1999).

Allport propôs que a unidade básica da personalidade é o traço. Para ele, traços são causas do comportamento que são, em princípio,

“únicas para cada pessoa (sistema idiográfico). Mesmo que as adaptações sejam únicas para cada pessoa, há semelhanças suficientes entre uma pessoa e outra capaz de permitir pesquisas com grupos de pessoas (sistema nomotético)” (Cloninger, 1996: 75).

Mais tarde, Allport expandiu essa definição com muitas afirmações teóricas: o traço tem mais do que uma existência nominal; é mais generalizado do que um hábito; é dinâmico, ou pelo menos determinante, no comportamento; pode ser estabelecido empiricamente; é apenas relativamente independente dos outros traços; não é sinônimo de julgamento moral

ou social; pode ser visto ou à luz da personalidade que o contém, ou à luz de sua distribuição na população; ações e hábitos que são inconsistentes com o traço não provam a não existência do traço.

Os traços variam na extensão de sua influência e são parte de um *continuum* de conceitos para descrever a personalidade. Às vezes um traço domina tanto a personalidade de um indivíduo que ele influencia tudo o que a pessoa faz – este traço é denominado, por Allport, de traço central. Enquanto que traços secundários são aqueles que descrevem o impacto da personalidade em determinadas situações – são os hábitos e atitudes. Traços cardinais são aqueles referentes ao senso de si e à filosofia de vida (Cloninger, 1996).

A abordagem do traço precisava ser ligada a uma estrutura teórica se quisesse avançar na ciência da personalidade. Controvérsias sobre traços têm estimulado um refinamento do conceito e, portanto, a linguagem psicológica dos traços tem se tornado mais precisa (Cloninger, 1996).

Dentre as perspectivas contemporâneas do estudo da personalidade, tem-se atualmente uma tendência a buscar uma abordagem compreensiva de vários traços, por meio de um modelo amplo de organização, ou uma descrição sistemática das relações, ao invés de examinar um traço de cada vez, já que permite “uma linguagem comum para os pesquisadores de diferentes abordagens teóricas, uma base para a comparação e a avaliação das teorias da personalidade, uma estrutura para a validação de escalas de personalidade e um guia para a avaliação compreensiva do indivíduo” (McCrae, Costa & Busch, apud Cloninger, 1996: 87).

Os teóricos que reformularam a teoria de Allport propuseram medir os traços, dando assim um valor mais fidedigno a esta abordagem. Sugerem, ainda, que os traços podem ser agrupados em fatores que representam amplas dimensões de diferenças individuais.

Eysenck, por exemplo, propôs três fatores: Extroversão, Neuroticismo e Psicoticismo, desenvolvendo, com isso, uma das mais influentes e pesquisadas teorias da personalidade (Schultz e Schultz, 2002). Estes três fatores são medidos pelo *Eysenck Personality Questionnaire* (EPQ).

Cattell desenvolveu diversos modelos sistemáticos de medida de personalidade e ligados à teoria do traço. Seu extenso trabalho permitiu que chegasse a conclusão de que existem dezesseis dimensões básicas da personalidade normal (Extroversão, Ansiedade, Teimosia, Independência, Controle, Ajustamento,

Liderança e Criatividade – fatores bipolares). E construiu um instrumento capaz de medi-las: o 16PF.

Wiggins propôs um modelo de personalidade para descrever aspectos que influenciam comportamentos interpessoais, distinguindo seis categorias de traços: interpessoais, materiais, temperamentais, papéis sociais, caráter e características mentais. Sua proposta deu origem a um modelo circunflexo (Riello, 1999).

Outros estudos sobre traço e personalidade têm comprovado a existência permanente de cinco fatores da personalidade em diversas culturas. Ou seja, constatou-se que em diferentes culturas, os cinco fatores estão representados na linguagem. Este fenômeno tem sido denominado, pelos autores, de “Big Five” ou Cinco Grandes Fatores (Goldberg, 1981; John, Angleitner & Ostendorf, 1988; Wiggins & Pincus, 1992; Church & Lonner, 1998; Hutz et alli, 1998).

As raízes destes fatores estão no estudo léxico, em que foram analisados para determinar que dimensões as pessoas usam quando descrevem a si mesmas e aos outros. Essa pesquisa indica que pessoas comuns descrevem a personalidade em cinco fatores (Goldberg, 1981), embora alguns pesquisadores discordem desta proposição.

Defensores deste modelo afirmam que este compreende as dimensões da personalidade mais importantes e pode fornecer uma estrutura de organização para a pesquisa da personalidade. A estrutura do “Big Five” capta, a um nível grande de abstração, a simplicidade da maioria dos sistemas existentes de descrição de personalidade e provê um modelo descritivo integrativo para a pesquisa de personalidade (John, 1990).

Costa & McCrae (1985) desenvolveram um questionário de auto-relato, chamado NEO-PI (*Neuroticism, Extroversion and Openness to Experience Personality Inventory*), especialmente para medir esses cinco fatores. Este instrumento deve ser destacado, pois obteve resultados semelhantes na aplicação em diversas culturas/línguas: holandesa, alemã, italiana, estoniana, finlandesa, espanhola, hebraica, portuguesa, russa, coreana, japonesa, francesa e filipina (Church & Lonner, 1998). O estudo sobre o NEO-PI já está sendo desenvolvido também no Brasil (Hutz et alli, 1998).

Discute-se se os fatores de personalidade do Big Five realmente têm potencial universal. Se isto fosse verdade, poderia se pensar que “chegou ao fim a busca por fatores de traços básicos para a construção de questionários da personalidade” (De Raad, Perugini, Hřebícková & Szarota, 1998: 212), idéia

esta não aprovada pelos estudiosos. Portanto, o Modelo dos Cinco Grandes Fatores é uma estrutura geral de compreensão da personalidade e um guia de pesquisas, mas não deve excluir ou substituir outras teorias e propostas sobre o estudo dos fatores da personalidade (Briggs, 1992; Caprara, 1992).

O número de maneiras que uma pessoa pode se diferenciar de outra – ou diferenciar-se de si mesmo – é quase infinita. Dadas essas dificuldades particulares, “pode parecer surpreendente que psicólogos da personalidade continuem a se esforçar para catalogar, ordenar e nomear de forma padrão o domínio das diferenças individuais” (John, Angleitner e Ostendorf, 1988: 172). Mas o que a literatura nos mostra é que cada vez mais os estudiosos estão buscando este processo de organização, que é denominado taxonomia ou taxionomia. “Taxônomos e pessoas leigas avaliam similarmente os traços estáveis como o mais fundamental conceito de personalidade” (John, Angleitner e Ostendorf, 1988: 171).

É importante ressaltar que a taxonomia de descritores não admite o conceito do traço como determinante do comportamento, mas como características que descrevem a personalidade. Por ser um modelo de organização das características da personalidade, a taxonomia não se encaixa em nenhuma das teorias da personalidade e ao mesmo tempo em todas. Por um lado, trata-se de um estudo atóxico das características individuais; por outro, refere-se a todas as características presentes nos modelos teóricos.

Os procedimentos para a construção de uma taxonomia de descritores da personalidade passaram a ser uma importante base de dados para a criação de instrumentos de avaliação da personalidade e temperamento, pois se constatou que estudos em taxonomia podem permitir a identificação dos principais termos utilizados para esta descrição, o desenvolvimento de estudos teóricos, o aprimoramento de técnicas de avaliação psicológica, a comparação de descritores entre diferentes países, proporcionando, assim, um estudo transcultural (Angleitner Ostendorf e John, 1990; Eysenck, 1994; Smirmák, 1994; Schimitz, 1994).

Recentemente, o desenvolvimento de taxonomias de traços de personalidade tem conduzido a uma crescente pesquisa buscando uma forma cada vez mais segura e importante de descrever a personalidade (Ostendorf e Angleitner, 1992).

Em uma revisão histórica (John, Angleitner e Ostendorf, 1988; Briggs, 1992; Cloninger, 1996, 1999; Hutz et cols, 1998), descobriu-se que a idéia de usar

o vocabulário usual como ponto de partida para estudos científicos da personalidade data de mais de cem anos atrás: o escritor e cientista inglês Francis Galton, em 1884, foi provavelmente o primeiro a examinar o dicionário procurando quantificar os descritores da personalidade, encontrando cerca de 1000 termos. Na busca de identificar no dicionário palavras descritoras da personalidade, diversos autores podem ser citados, pelos seus estudos e esforços: Klages, em 1926, articulou a teoria racional para a abordagem léxica, argumentando que o estudo da linguagem beneficiaria a compreensão da personalidade. Baumgarten, partindo do estudo de Klages, fez um estudo sistemático sobre a abordagem léxica, em 1933, examinando termos para descrever traços de personalidade. Allport e Odbert, em 1936, trabalharam com todas as palavras relacionadas com traços na edição de 1925 do *New International Dictionary Webster*, identificando 17.953 traços (4,5% do total de palavras do dicionário) e os classificaram em quatro categorias: a) termos neutros que designam traços pessoais, b) termos descritivos de humores temporários ou atividades, c) termos carregados de julgamento social, d) miscelânea (condições físicas, desenvolvimentais ou de capacidades, termos metafóricos ou duvidosos). A lista de traços que Allport e Odbert desenvolveram é clássica para os estudiosos da personalidade e tem servido de base empírica para os pesquisadores mais recentes. Cattell usou a lista de Allport e Odbert como ponto de partida para o desenvolvimento de um extensivo modelo multidimensional de estrutura da personalidade. Além destes, como foi descrito anteriormente, outros estudiosos têm buscado descrever a personalidade a partir dos traços, ou características, encontrados na linguagem do cotidiano das pessoas.

Em 1990, Angleitner, Ostendorf e John sistematizaram um modelo de taxonomia de descritores da personalidade. A partir deste modelo, foram feitas taxonomias em diferentes culturas, tais como: a italiana (Forzi, Arcuri, Fontana, Di Blas e Tortul, 1990; Di Blas e Forzi, s/d), a tcheca (Hřebíková, Ostendorf e Angleitner, s/d), a holandesa (Broken apud Hofstee, 1990), a americana (Norman apud John, Goldberg e Angleitner, 1984) e a brasileira (Guzzo, Carvalho, Messias, Pereira, Pinho, Riello e Serrano, 1998; Guzzo, Carvalho, Valli, Pinho, Koelle, Silva e Messias, 1998; Guzzo, Pinho e Carvalho, 2002; Pinho, 2001). A taxonomia brasileira só será completada, de fato, quando a quarta etapa for concluída, que é o objetivo do trabalho de Doutorado da Autora.

A identificação de palavras descritoras da personalidade na linguagem tem levado a estudos que buscam listar quais são as dimensões que as pessoas usam para descrever a si mesmas e aos outros, por meio de uma taxonomia própria da personalidade.

As palavras do dicionário não esgotam as palavras que são utilizadas para a comunicação corrente, no entanto podem ser representativas do conjunto de palavras utilizadas pelas pessoas para classificar eventos, comportamentos e objetos (De Raad, 1995; Wiggins e Pincus, 1992). O léxico reflete, ainda que indiretamente, os elementos da cultura do momento.

De Raad, Perugini, Hřebíková & Szarota (1998) apontam também algumas vantagens do uso do dicionário: é completo no que diz respeito ao uso atual e é sistematicamente supervisionado por lexicógrafos.

Com base no estudo de De Raad (1995), optou-se por trabalhar apenas com os adjetivos encontrados, excluindo, portanto, outras categorias gramaticais que deveriam descrever a personalidade. A exclusão de substantivos e verbos empobrece o trabalho, mas a opção de não incluí-los justifica-se, principalmente, por se tratar do primeiro estudo taxonômico brasileiro.

Outra razão pela escolha de só se incluir adjetivos neste estudo está baseada em Skinner (1957), que aponta que uma das vantagens da Psicologia em relação às outras Ciências, é que a linguagem é a melhor representação do comportamento. Comportamento é ação e expressa-se por verbos. O indivíduo é o ser e expressa-se por substantivos. As características do indivíduo são suas qualidades, portanto, os adjetivos. Como o objetivo do trabalho, que tem como base o estudo da personalidade, é qualificar o “ser”, a categoria gramatical que “caracteriza os seres..., indicando-lhes uma qualidade, caráter, modo de ser ou estado” (Ferreira, 1986) é o adjetivo. O que referencia as personalidades é a adjetivação.

A partir deste pressuposto, a abordagem léxica, ou psicoléxica, foi desenvolvida para abranger todos os termos que descrevessem a personalidade de um indivíduo ou grupo, identificando, agrupando e classificando as palavras que são mais representativas na linguagem diária (Goldberg, 1982; John, Goldberg e Angleitner, 1984; John, Angleitner e Ostendorf, 1988; Angleitner, Ostendorf e John, 1990; Fujita, s/d; De Raad, 1995).

O principal objetivo da abordagem psicoléxica é “chegar a uma especificação do domínio do traço que virtualmente explore o universo dos traços e permita uma seleção representativa de traços para uso prático e teórico” (De Raad, Perugini, Hřebíková & Szarota, 1998: 213).

A abordagem léxica converge para o domínio do traço, uma vez que as pessoas, na sua comunicação diária, tratam das diferenças individuais por meio da linguagem. Ou seja, a descrição de diferenças individuais depende da linguagem. Aquelas diferenças individuais que são mais evidentes e socialmente relevantes na vida das pessoas serão eventualmente codificadas na sua linguagem (Goldberg, 1981, 1982; John, Goldberg and Angleitner, 1984; John, Angleitner e Ostendorf, 1988; De Raad, 1995; Fujita, s/d). Portanto, a pesquisa psicoléxica tem como objetivo identificar as palavras que são mais representativas nas relações diárias (De Raad, 1995).

O léxico da personalidade seria o conjunto de descritores de diferenças individuais de uma determinada cultura, agrupados e organizados para facilitar o estudo da personalidade.

O Brasil, por meio da construção da taxonomia para descritores da personalidade, pode apresentar seus resultados e juntar suas informações com os diversos países envolvidos nesta linha de pesquisa, contribuindo para um estudo transcultural importante (Guzzo, Carvalho, Valli, Pinho, Koelle, Silva e Messias, 1998; Guzzo, Pinho e Carvalho, 2002).

A literatura nacional mostra que esta é a primeira pesquisa sobre taxonomia de descritores da personalidade, que serve de suporte aos estudos sobre a avaliação de personalidade e que se utiliza como referência o léxico da Língua Portuguesa (Guzzo, Pinho e Carvalho, 2002).

O modelo alemão – no qual este trabalho está baseado – consta de quatro fases para a construção da taxonomia de descritores da personalidade (Angleitner, Ostendorf e John, 1990). Completadas essas quatro fases, espera-se contribuir, com dados brasileiros, para os estudos internacionais sobre os fatores de personalidade mais importantes e significativos encontrados na Língua Portuguesa e para a atuação dos psicólogos e pesquisadores em Psicologia, oferecendo instrumentalização apropriada para a avaliação da personalidade no contexto brasileiro.

As duas etapas iniciais do desenvolvimento da taxonomia de descritores da personalidade estão detalhadamente descritas em Guzzo, Pinho e Carvalho (2002). Porém, faz-se necessário uma pequena descrição do que consistem essas etapas.

### **Pesquisas Anteriores: fases 1 e 2**

A primeira consistiu da identificação e da extração de todos os adjetivos do Dicionário da Língua Portuguesa versão 2.0 em CD-ROM (Barroso, 1996) que possam descrever atributos ou características individu-

ais, resultando num total de 35.834 adjetivos. O procedimento para a realização da fase 1 foi selecionar todos os verbetes nos quais apareciam a sigla “ADJ”, copiá-los e alocá-los em uma tabela de arquivo do WORD 6.0, fazendo um arquivo para cada letra. Foram encontrados 35.834 adjetivos, o que corresponde a aproximadamente 30% dos verbetes totais encontrados no dicionário (Guzzo, Carvalho, Pinho, 2002).

A segunda fase foi a seleção dos adjetivos descritores da personalidade, segundo os critérios de exclusão preestabelecidos pelo modelo alemão: verbetes não discriminativos; origem geográfica; nacionalidade; profissão ou atividade; referente a uma parte da pessoa; metáforas; aspectos técnicos e científicos; idéias políticas, religiosas ou filosóficas; chulos; constituição física; relativo a animais e relativo à natureza (John, Angleitner e Ostendorf, 1988).

O material utilizado foram os adjetivos da fase anterior, organizados em tabelas. O procedimento da organização foi a exclusão de todos os adjetivos que correspondessem a qualquer um dos critérios citados acima. Neste estágio, 5641 adjetivos permaneceram para a etapa seguinte, representando 4,70% do total de verbetes do dicionário e 15,74% do total de adjetivos (Guzzo, Carvalho, Valli, Pinho, Koelle, Silva e Messias, 1998).

A finalização da construção da taxonomia brasileira exige a realização das fases três e quatro, a proposta de estudo da presente pesquisa é o desenvolvimento da terceira etapa.

### **Método – Pesquisa Atual: fase 3** **Sujeitos-juízes**

Foram sujeitos desta pesquisa seis membros da Academia Paulista de Psicologia, seis professores universitários e um juiz constante, responsáveis por avaliar um total de 5641 adjetivos, quanto à sua clareza de significado, à sua utilidade como descritor da personalidade e à frequência de uso do adjetivo na prática profissional.

A seleção dos juízes membros da Academia Paulista de Psicologia foi feita aleatoriamente, a partir da lista total de membros. Foram selecionados 18 membros, mas apenas um terço respondeu ao convite para participar da pesquisa. A idade destes juízes variou de 50 a 76 anos (média = 65,8 anos) – houve uma resposta em branco –, sendo 50% do sexo masculino e 50% do sexo feminino.

Os juízes-professores foram selecionados dentre um rol de Professores de Psicologia em uma Instituição de Ensino Superior, pelo contato que têm com a Autora e pela disponibilidade para responder à pes-

quisa. São todos do sexo feminino, com a idade variando entre 34 e 51 anos (média = 45,17).

A maioria dos juízes-professores é formada em Psicologia (83,33%), sendo os membros da Academia Paulista de Psicologia além de formados em Psicologia, o são também em mais de uma área (Pedagogia e Administração)

A concentração da área da experiência profissional dos juízes está na “docência” para ambos os tipos de juízes. Enquanto os juízes-acadêmicos destacam-se na área da pesquisa, os juízes-professores o fazem na Psicologia Escolar.

Quanto ao domínio de língua estrangeira, nota-se que o inglês é a língua de domínio predominante, entre os juízes. Os juízes-acadêmicos destacam-se pelo conhecimento de diferentes línguas, enquanto os professores dominam mais a língua inglesa e espanhola.

### **Material**

O material entregue aos juízes consistiu de uma Carta de Apresentação, uma Ficha de Instrução, uma Ficha de Identificação, a tabela com os adjetivos e uma Carta de Agradecimento.

Na Carta de Apresentação consta uma pequena introdução sobre o trabalho e a responsabilidade do juiz. Na Ficha de Instrução estão descritos a forma de preenchimento do material e o prazo de entrega. Como Dados de Identificação, constavam informações sobre a idade, sexo, formação profissional, tempo de experiência e se o sujeito-juiz tem domínio de alguma língua estrangeira. Estes dados servem para compor as principais características dos sujeitos da pesquisa.

Os adjetivos foram dispostos em uma tabela, organizados em ordem alfabética. O agrupamento das letras foi aleatório, assim como a sua distribuição entre os juízes, formando seis grupos: AVXZ (985 adjetivos), BCJL (926), DEF (1076), GHI (876), MSTU (823), NOPQR (955).

Optou-se por agrupar as letras pela quantidade de adjetivos, resultando em uma média de 940 adjetivos e quatro letras por juiz. A decisão por este procedimento se deve ao grande volume de adjetivos, que poderia comprometer a análise dos juízes, prejudicando a sua validade. Devido à experiência na área e, em particular neste estudo, a Autora avaliou o total de adjetivos, referente a todas as letras.

Os juízes deveriam assinalar, com um X, nas colunas 1, 2 e 3 quando o adjetivo fosse claro em seu significado e/ou útil na descrição da personalidade e/ou quando fosse usado frequentemente na prática profissional. Quando o adjetivo não correspondesse

a nenhuma das alternativas acima, deveriam deixar as colunas em branco.

A Carta de Agradecimento foi entregue pessoalmente ou via correio, com o compromisso da Autora em disponibilizar o resumo da dissertação a todos os juízes e, caso houvesse interesse, uma cópia completa do trabalho.

### Procedimento

A entrega do material para os juízes foi feita pessoalmente ou via correio. Foram entregues, no total, 36 conjuntos de letras (18 para Acadêmicos e 18 para Professores). Até o prazo marcado para a devolutiva, foram devolvidas 12 listas, representan-

do do adjetivo, optou-se por mantê-lo; esta decisão está descrita na proposta alemã, na qual o presente estudo está baseado.

Quando comparada às taxonomias de outros países, o Brasil apresenta o maior número de adjetivos (35.834), seguido pelas línguas italiana (21.800), tcheca (13.606) e alemã (11.600), como pode-se observar na Tabela 1. Porém, na conclusão da segunda fase, os resultados da Alemanha incluem, proporcionalmente, mais adjetivos descritores da personalidade para a construção da taxonomia (41,6%). Em relação ao total de verbetes alemães (96.666), comparando com o Brasil (120.000), a proporção é a mesma: 5%, ou seja, cinco por cento das palavras

**Tabela 1 – Comparação do Total de Adjetivos em Diferentes Países**

Países	Total de Verbetes	Total de Adjetivos	%	Total de Adjetivos Descritores da Personalidade	%
Alemanha	96.666	11.600	12	4.827	42
Itália	127.000	21.800	17	4.437	14
Tchecoslováquia	64.800	13.606	21	4.145	30
Brasil	120.000	35.834	30	5.641	16

do um terço do total enviado.

Todos completaram as tabelas, assinalando com um X quando o adjetivo era claro em seu significado e/ou útil descritor e/ou freqüente no uso, na prática profissional.

### Resultados e Discussão

Primeiramente, é necessário fazer uma retrospectiva dos resultados obtidos nas fases anteriores (1 e 2), que estão descritas em Guzzo, Pinho e Carvalho (2002).

Segundo o Novo Dicionário Aurélio (Ferreira, 1986), existem cento e vinte mil verbetes na Língua Portuguesa. A primeira fase da taxonomia de descritores da personalidade constatou que, deste total, 35.834 vocábulos são adjetivos, representando 29,86% do total de verbetes existentes no léxico.

A segunda etapa consistiu em uma avaliação de dois juízes para determinar quais dos adjetivos poderiam ser úteis para a descrição da personalidade. Cada juiz trabalhou independentemente, na decisão de excluir os adjetivos pelos diferentes critérios, estabelecidos por Angleitner, Ostendorf e John (1990). A exclusão de um adjetivo foi determinada quando os dois juízes concordaram com a retirada. Quando houve dúvida em relação à permanência ou

presentes nos dicionários alemão e brasileiro são adjetivos descritores da personalidade.

É importante notar que a Língua Portuguesa apresenta uma variabilidade incontestável de adjetivos passíveis da descrição de diferenças individuais, e que dificuldades na avaliação psicológica aparecem pelo fato de não se poder assegurar a análise destas características pelas dificuldades no uso da linguagem.

A seguir serão apresentados os resultados obtidos com a coleta de dados da terceira fase. Estão divididos em partes, destacando-se os diferentes conjuntos de adjetivos descritores da personalidade.

A lista de todos os adjetivos da Língua Portuguesa que podem descrever a personalidade de um indivíduo ou de grupos conta com 5.641 adjetivos, representando 15,74% do total de adjetivos, que foram considerados possíveis descritores da personalidade.

A Tabela 2 mostra como estes adjetivos estão divididos pelas letras do alfabeto. Na coluna “Total de Adjetivos”, está descrita a quantidade de adjetivos existentes por letra e a sua porcentagem em relação ao total de adjetivos da Língua (35.834). Em “Adjetivos Descritores” está o total de adjetivos que possivelmente podem descrever a personalidade, com sua respectiva porcentagem em relação ao total (5.641). A última coluna desta Tabela descreve a porcentagem da quantidade de adjetivos descritores referente à quantidade de adjetivos da letra.



Tabela 2 – Adjetivos Frequentes por Letra

Letras	Adj. Descritores	Adj. Frequentes		%
		f	%	
A	826	194	10,17	23,49
B	235	74	3,88	31,49
C	528	243	12,74	46,02
D	518	116	6,08	22,39
E	284	77	4,04	27,11
F	274	60	3,14	21,90
G	111	39	2,04	35,14
H	122	30	1,57	24,59
I	643	178	9,33	27,68
J	40	9	0,47	22,50
K	0	0	0	0,00
L	123	42	2,20	34,15
M	285	94	4,93	32,98
N	122	34	1,78	27,87
O	116	57	2,99	49,14
P	405	221	11,58	54,57
Q	51	11	0,58	21,57
R	261	137	7,18	52,49
S	320	152	7,97	47,50
T	196	93	4,87	47,45
U	22	10	0,52	45,45
V	122	34	1,78	27,87
X	18	1	0,05	5,56
Y	0	0	0	0,00
W	0	0	0	0,00
Z	19	2	0,10	10,53
TOTAL	5641	1908		33,82

Pode-se perceber que a letra “A” é a letra que mais contém adjetivos e adjetivos descritores, na Língua Portuguesa, entretanto é a letra “I” que contém a maior proporção de adjetivos descritores em relação do total da letra. Ou seja, 27,87% dos adjetivos da letra “I” são potencialmente descritores da personalidade. É importante assinalar que na estrutura da Língua Portuguesa, as adjetivações que expressam negação são mais representativamente frequentes nas letras A e I (por exemplo, “anormal” e “inadequado”).

Sabe-se que as letras “K”, “W” e “Y” não fazem parte do alfabeto do Brasil e que são utilizadas apenas para palavras estrangeiras. Contudo, destas, a única letra que não contém adjetivos é a “Y”. As letras “K” e “W” apresentam um baixo número de adjetivos, 11 e 10, respectivamente, e nenhum deles são descritores da personalidade.

A terceira fase da construção da taxonomia de descritores da personalidade tem por objetivo formar uma lista dos adjetivos a partir dos critérios: clareza de significado, utilidade como descritor e frequência de uso.

Para a análise dos resultados da presente pesquisa, considerou-se o julgamento da Autora e dos juízes, da lista total de adjetivos (5.641). Pode-se dizer que este conjunto de adjetivos representa as características descritoras da personalidade, na Língua Portuguesa, na concepção dos sujeitos da Amostra da presente pesquisa. São 938 adjetivos (16,63%), apresentados na lista descrita no Anexo 1. Das letras do alfabeto, apenas a letra “X” não apresentou nenhum adjetivo nesta categoria.

Como era esperado teoricamente (Angleitner, Ostendorf e John, 1990), o número de adjetivos que

permaneceram para a etapa seguinte da construção da taxonomia brasileira dos descritores da personalidade diminuiu bastante. No referido estudo, constatou-se que cerca de 72% dos adjetivos, quando avaliados quanto à clareza, utilidade e frequência, não vão para a fase posterior. No presente estudo, o número de adjetivos excluídos foi ainda maior, representando 83,37% (4.703 adjetivos que não obtiveram a média maior ou igual a três).

Dentre os 5.641 adjetivos, 333 (5,90%) foram considerados, por pelo menos dois juízes, como claros, úteis e frequentes. Pode-se conceber que esta lista representa as características da personalidade mais claras, úteis e frequentes da Língua Portuguesa, para psicólogos da região do Estado de São Paulo.

Houve uma concordância na avaliação entre os juízes no que se refere à clareza, utilidade e frequência dos adjetivos. Isto indica que os juízes avaliaram significativamente de forma semelhante o conjunto dos 5.641 adjetivos, o que indica um aspecto positivo da pesquisa, relativo à compreensão e realização das análises dos juízes (Tabelas 3 e 4).

Foram considerados claros para ambos os juízes 990 adjetivos, 243 úteis para a descrição da personalidade e 285, frequentes no uso profissional. Estes números podem ser “pequenos” comparando aos 2466 e 2168 (para clareza), 1177 e 574 (para utilidade) e 1192 e 802 (para frequência) atribuídos por cada juiz. Cabe lembrar, entretanto, que a concordância entre eles é significativa, ou seja, 990 adjetivos incluídos pelos dois tipos de juízes é uma quantidade estatisticamente considerada satisfatória.

Esta análise remete a sugerir indicar que os juízes responderam ao material desta pesquisa de forma semelhante, colaborando para a identificação dos adjetivos da Língua Portuguesa mais claros, mais úteis e mais frequentes.

Foi também possível fazer a identificação dos adjetivos que foram considerados “frequentes” pelo menos por um juiz: 1.908, representando (33,82%).

Nota-se que a letra “A” continha mais adjetivos descritores (826), mas foi a letra “C” que conteve o maior número de adjetivos frequentemente utilizados na descrição da personalidade (243).

Lembrando que todos os juízes são do Estado de São Paulo, estes dados podem ter um viés regional. Segundo Flores (2000) existem, no Brasil, diferenças regionais na língua, por isso, seria interessante que um outro estudo pudesse conferir se em outras regiões brasileiras os adjetivos selecionados também são claros, ou ainda, se são apenas claros. Cada região ou estado brasileiro recebeu diferentes influências, formando um vocabulário a parte. Nos últimos anos, têm sido lançados vários dicionários com a intenção de apresentar e se fazer entender a linguagem de um determinado lugar. Porém, as nossas diferenças lingüísticas são bem menos acentuadas do que qualquer língua européia. Cagliari (1996) reforça Flores ao ressaltar a importância de se ter mais estudos brasileiros que destaquem as diferenças regionais da linguagem. Cabe aqui, reforçar a necessidade de se refazer este estudo em outras regiões do Brasil para averiguar se os resultados são semelhantes.

**Tabela 3 – Índice de Concordância**

	clareza		utilidade		frequência	
	valor	sig	valor	sig	valor	sig
Medida de concordância	.031	<b>.020</b>	.175	<b>.100</b>	.140	<b>.000</b>
Nº de casos válidos	5641		5641		5641	

**Tabela 4 – Concordância entre clareza, utilidade e frequência**

		Juiz Professor					
		clareza		utilidade		frequência	
		concord.	total	concord.	total	concord.	total
Juiz Acadêmico	concord.	<b>990</b>	2466	<b>243</b>	1177	<b>285</b>	1192
	total	2168	5641	574	5641	802	5641

## Considerações Finais e Conclusão

O tipo de pesquisa, aqui realizado, não é comum na psicologia brasileira. Por isso, ao longo do seu processo foram encontradas algumas dificuldades importantes a serem destacadas. Dentre elas, a densidade e complexidade da Língua Portuguesa referente à quantidade de adjetivos existentes. A organização destes, para culminar nesta pesquisa, percorreu quatro anos, já que todo o seu processo se iniciou no ano de 1996.

Outra dificuldade encontrada foi identificar aqueles adjetivos como descritores da personalidade. A primeira autora, por ter avaliado toda a lista de adjetivos pôde perceber como é cansativo e árduo o trabalho de pensar sobre cada um dos 5.641 adjetivos quanto à sua clareza de significado, utilidade como descritor e frequência de uso. Pode-se supor que o mesmo sentimento ocorreu para os doze juízes, mesmo que avaliando uma média de 940 termos. Vale dizer, ainda, que alguns destes avaliadores comentaram sobre a “surpresa” e curiosidade a respeito de alguns adjetivos, recorrendo ao dicionário, depois de completadas as respostas, para descobrir seu significado e perceber porque estão na lista dos possíveis descritores da personalidade.

Seria interessante se esta “busca” dos juízes ao dicionário fosse registrada, para verificar se depois da consulta, o sujeito avaliaria o adjetivo como útil para a descrição da personalidade. A não identificação de alguns adjetivos pela utilidade poderia tanto significar que eles realmente não são úteis, como poderia demonstrar que o reconhecimento ou entendimento não é claro, para aquela determinada amostra, o que remete a estudos com diferentes tipos de amostra.

Foi possível perceber também que existem descritores da personalidade que não se encaixam em nenhuma especialidade psicológica, já que a Amostra encontrava-se, aleatoriamente, dispersa em várias áreas da Psicologia (lembrando que foram 1.323 os adjetivos considerados não claros, não úteis para descrever a personalidade e não frequentes na experiência profissional dos psicólogos).

Com a identificação, pelos psicólogos da região do Estado de São Paulo, dos adjetivos mais claros, mais úteis e mais frequentes na Língua Portuguesa como descritores da personalidade, pode-se dizer que os objetivos propostos foram atingidos e que a terceira etapa da construção da taxonomia foi desenhada plenamente.

A construção da taxonomia dos descritores da personalidade ainda não está terminada, segundo o modelo internacional, porém já se pode afirmar que a lista de adjetivos, apresentada neste estudo, permite uma série de pesquisas relacionadas, principalmente, à avaliação da personalidade.

É importante lembrar que a taxonomia é atórica, ou seja, pode ser utilizada por qualquer abordagem da Psicologia que tenha como objeto de estudo a personalidade humana. Vale também lembrar que quase todos os aspectos da Psicologia precisam dos testes como recursos para a obtenção de dados. A personalidade é um construto psicológico que ganhará forças a partir de melhores mensurações. O instrumento de avaliação é o meio pelo qual o profissional consegue comprovar a existência de traços estáveis, por exemplo. Estudos sobre a estabilidade tendem a comprovar a constituição, principalmente, biológica da personalidade.

É preciso ainda dar continuidade ao projeto para chegar a conclusões mais concretas, que de fato sejam úteis para a área da avaliação psicológica nacional.

Entretanto é preciso ressaltar que essa fase da taxonomia *já poderia estar auxiliando* os pesquisadores a melhorarem a qualidade e a quantidade de instrumentos de avaliação psicológica sobre, por exemplo, os estudos a respeito da natureza e extensão das diferenças individuais, a identificação de traços psicológicos, a mensuração de diferenças entre grupos, a investigação de fatores biológicos e culturais ligados às diferenças no comportamento, mudanças no indivíduo provocadas pela idade, influências da educação, resultados da psicoterapia, entre outros.

Sugere-se, para pesquisas futuras, a continuação deste projeto transcultural, a replicagem deste estudo em outras regiões do Brasil, a utilização da lista dos adjetivos descritores para a construção de instrumentos de avaliação psicológica – da personalidade, do temperamento, da criatividade, e de tantos outros construtos das características humanas que ainda intrigam os pesquisadores.

Fujita (s/d), defensor constante deste tipo de pesquisa, afirma que “uma boa taxonomia guiará os pesquisadores a frutíferas direções em suas pesquisas e permitirá um vocabulário padrão para que os resultados destas possam ser comunicados e relacionados entre si. Mesmo uma taxonomia pobre é melhor que do que nenhuma”.

## Referências

- Allen, B. P. (1997). *Personality theories: Development, growth and diversity*. Boston: Allyn and Bacon.
- Andaló, C. S. A. (1996). O psicólogo escolar na busca de uma identidade. *Singular*, 4-5.
- Andriola, W. B. (1996). Avaliação psicológica no Brasil: Considerações a respeito da formação dos psicólogos e dos instrumentos utilizados. *Psique*, 6 (8): 98-108.
- Angleitner, A., Ostendorf, F. & John, O. P. (1990). Towards a taxonomy of personality descriptors in German: A psycho-lexical study. *European Journal of Personality*, 4, 89-118.
- Arias, R. M. (1995) La medición mediante tests. *Psicometría: Teoría de los Tests Psicológicos y Educativos*. Madrid: Editorial Sintesis.
- Bates, J. E. (1989). Concepts and measures of temperament. Em G. A. Kohnstamm, J. E. Bates & M. K. Rothbart (Orgs.). *Temperament in Childhood*. John Wiley & Sons, England: Chichester.
- Bloom, B. S., Englhart, M. D., Furst, E. J., Hill, W. H. & Krathwohl, D. R. (1983). *Taxonomia de objetivos educacionais - domínio cognitivo*. Porto Alegre: Globo.
- Briggs, S. R. (1992). Assessing the Five-Factor Model of personality description. *Journal of Personality*, 6, 253-293.
- Cagliari, L. C. (1996). *Alfabetização e lingüística*. São Paulo: Scipione.
- Caprara, G. V. (1992). Reflections on the recent history and the present challenges of personality psychology. *European Journal of Personality*, 6, 345-358.
- Church, A. T. & Lonner, W. J. (1998). The cross-cultural perspective in the study of personality: Rationale and current research. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 29, 32-62.
- Cloninger, S. C. (1996). *Personality: Description, dynamics and development*. New York: W. H. Freeman and Company.
- Cloninger, S. C. (1999). *Teorias da personalidade*. São Paulo: Martins Fontes.
- Ceystal, M. R. T. (1995). O psicólogo na escola: Uma perspectiva de atuação. *Boletim de Psicologia*, 45, 49-52.
- De Raad, B. (1995). The psycholexical approach to the structure of interpersonal traits. *European Journal of Personality*, 9, 89-102.
- De Raad, B. & Schouwenburg, H. C. (1996). Personality in learning and education: A review. *European Journal of Personality*, 10, 303-336.
- De Raad, B., Perugini, M., Hřebícková, M. & Szarota, P. (1998). Lingua franca personality: Taxonomies and structures based on the psycholexical approach. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 29, 212-232.
- Engler, B. (1991). *Personality theories* (3ª ed.). Boston: Houghton Mifflin Company.
- Eysenck, H. J. (1974). *A desigualdade do homem*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Eysenck, H. J. (1994). The importance of theory in the taxonomy of personality. *Personality Psychology in Europe*, 5.
- Ferreira, A. B. H. (1986). *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Flores, R. (2000). <http://www.gazetadopovo.com.br/jornal/cadernog/lingua.html>
- Forzi, M., Arcuri, L., Fontana, R. M., Di Blas, L. & Tortul, M. (1990). Towards a taxonomy of Italian personality-descriptive terms. *Paper presented at the 5th EAPP Conference on Personality*, Roma, Italy.
- Fujita, F. (s/d). The Big Five taxonomy based on a qualifying exam answer. [www.iusb.edu/~ffujita/Documents/big5.html](http://www.iusb.edu/~ffujita/Documents/big5.html)
- Goldberg, L. R. (1981). Language and individual differences: The search for universals in personality lexicons. *Reviews of Personality and Social Psychology*, 44, 329-344.
- Goldberg, L. R. (1982). From Ace to Zombie: Some explorations in the language of personality. Em C. D. Spielberg & J. N. Butcher (Orgs.). *Advances in personality assessment*. Hillsdale: Erlbaum.
- Guzzo, R. S. L., Carvalho, C. F. C., Messias, T. S. C., Pereira, P. C., Pinho, C. C. M., Riello, I. C. & Serrano, M. (1998). Construção da taxonomia brasileira para descritores de personalidade: Um estudo piloto. *IV Congresso Nacional de Psicologia Escolar*. João Pessoa - PB.
- Guzzo, R. S. L., Carvalho, C. F. C., Valli, C. M. M., Pinho, C. C. M., Koelle, G. A., Silva, M. P. C. & Messias, T. S. C. (1998). Construção da taxonomia brasileira para descritores de personalidade: Fase 2. *IV Encontro de Iniciação Científica*. Campinas - SP.
- Guzzo, R. S. L., Pinho, C. C. M. & Carvalho, C. F. C. (2002). Construção da taxonomia brasileira para descritores da personalidade. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 15, 71-75.
- Hofstee, W. K. B. (1990). The use of everyday personality language for scientific purpose. *European Journal of Personality*, 4, 77-88.

- Hřebíčková, M., Ostendorf, F. & Angleitner, A. (s/d). Slawische und Germanische persönlichkeitsprache: Vergleich der ergebnisse einer tschechischen und einer deutschen taxonomie. *Kongress der Deutschen Gesellschaft für Psychologie*: 1-11.
- Hutz, C. S. & Bandeira, D. R. (1993). Tendências contemporâneas no uso de testes: Uma análise da literatura brasileira e internacional. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 6, 85-101.
- Hutz, C. S., Nunes, C. H., Silveira, A. D., Serra, J., Anton, M. & Wieczorek, L. S. (1998). O desenvolvimento de marcadores para a avaliação da personalidade no Modelo dos Cinco Grandes Fatores. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 11, 395-409.
- John, O. P. (1990). The Big Five factor taxonomy: Dimensions of personality in the natural language and in questionnaires. Em L. A. Pervin (Org.), *Handbook of personality: Theory and research*. (pp. 66-100). Nova York: Guilford.
- John, O. P., Angleitner, A. & Ostendorf, F. (1988). The lexical approach to personality: A historical review of trait taxonomic research. *European Journal of Personality*, 2, 171-203.
- John, O. P., Goldberg, L. R. & Angleitner, A. (1984). Better than the alphabet: Taxonomies of personality-descriptive terms in English, Dutch and German. Em H. C. J. Bonarius, G. L. M. van Heck & N. G. Smid (Orgs.). *Personality psychology in Europe: Theoretical and empirical development*. Lisse, N. L.: Sweets and Zeitlinger.
- Kupfer, M. C. M. (1994). Psicologia Escolar ou Psicologia na Escola? *Anais do II Congresso Nacional de Psicologia Escolar*.
- Lykken, D. (1999). *Felicidade*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Mccrae, R. R. & Costa Jr., P. T. (1995). Traits explanations in personality psychology. *European Journal of Psychology*, 9, 231-252.
- Mendonça, C. E. F. (1997) Estudo exploratório sobre a atuação dos psicólogos escolares que trabalham com populações especiais em Mato Grosso do Sul. *Estudos em Psicologia*, 14, 71-82.
- Novaes, M. H. (1996). Perspectivas para o futuro da Psicologia Escolar. *Psicologia Escolar: Pesquisa, formação e prática*, Campinas, SP: Alínea.
- Ostendorf, F. & Angleitner, A. (1992). On the generality and comprehensiveness of five-factor model of personality: Evidence for five robust factors in questionnaire data. In G. V. Caprara & G. L. van Heck (Org.), *Modern personality psychology. Critical reviews and new directions*. London: Harvester-Wheatsheaf.
- Pasquali, L. (1992). Avaliação psicológica: Questões e controvérsias. *Anais do I Congresso Nacional de Psicologia Escolar*. ABRAPPEE: Campinas.
- Pasquali, L. (1999). *Instrumentos psicológicos: Manual prático de elaboração*. Brasília: Laboratório de Pesquisa em Avaliação e Medida e Instituto Brasileiro de Avaliação e Pesquisa em Psicologia.
- Pfromm Netto, S. (1996). As origens e o desenvolvimento da Psicologia Escolar. *Psicologia Escolar: pesquisa, formação e prática*. Campinas, SP: Alínea.
- Pinho, C. C. M. (2001). *Taxonomia dos Adjetivos Descritores da Personalidade*. Campinas, SP: IPF/PUC Campinas. Dissertação de Mestrado não publicada: 135p.
- Riello, I. C. (1999). *Temperamento: Perfil de adolescentes com diferentes competências em natação*. Campinas, SP: IPF/PUC Campinas. Tese de Doutorado não publicada: 196p.
- Schimitz, P. G. (1994). Dimensions of personality in free description. *Personality Psychology in Europe*, 5.
- Schultz, D. P. & Schultz, S. E. (2002). *Teorias da personalidade*. São Paulo: Pioneira.
- Skinner, B. F. (1957). *Comportamento Verbal*. São Paulo: Cultrix/EDUSP.
- Szirmák, Z. (1994). Learning the alphabet: Constructing the list of Hungarian personality descriptive terms. *Personality Psychology in Europe*, 5.
- Wechsler, S. M. (1996). Padrões e práticas das Associações Internacionais e Psicologia Escolar. *Psicologia Escolar: Pesquisa, Formação e Prática*, Campinas, São Paulo: Alínea.
- Wiggins, J. S. (1980). Circumplex models of interpersonal behavior. Em L. Wheeler (Org.), *Review of Personality and Social Psychology*. Sage.
- Wiggins, J. S. & Pincus, A. L. (1992). Personality: Structure and assessment. *Annual Review of Psychology*, 43, 473-504.

**Anexo 1 – Lista de Adjetivos**

abalado	alvorçado	arrogante	bárbaro	calorento
abandonado	amabilíssimo	arrojado	barulhento	caloroso
abatido	amado	arteiro	batalhador	canhoto
aberto	amadurecido	articuloso	bem-apanhado	cansado
abestalhado	amante	artificial	bem-apeçoado	capcioso
abilolado	amargo	artista	bem-avisado	caprichoso
aborrecido	amargurado	assertivo	bem-comportado	cara-de-pau
abrupto	amável	assíduo	bem-criado	caradura
acanhadão	ambicioso	assustado	bem-dotado	carente
acanhado	ambíguo	astucioso	bem-educado	caricaturado
aceso	ambivalente	astuto	bem-encarado	caridoso
acessível	ameaçador	atabalhado	bem-humorado	carinhoso
acintoso	amedrontador	atarantado	bem-intensionado	carismático
acolhedor	amicíssimo	atarefado	bem-mandado	carrancudo
acomodado	amigável	atencioso	bem-sucedido	caseiro
aconselhador	amigo	atento	bem-visto	castigador
acrítico	amistoso	ativo	benevolente	casto
acuado	amoral	atético	benévolo	castrador
adaptado	amoroso	atônito	benfeitor	categorico
adequado	analizador	atordoado	benquisto	cativante
admirável	anárquico	atormentado	birrento	católico
adolescente	angustiado	atraente	bissexual	cauteloso
adorado	animado	atrapalhado	bitolado	cavalheiro
adorador	animador	atrevido	bizarro	caxias
adorável	anoréxico	atuante	bloqueado	censurador
adulador	anormal	audacioso	boa-pinta	céptico
afável	ansioso	ausente	boboca	cerimonioso
afeminado	antipático	austero	boçal	certo
afetivo	antiquado	autêntico	boêmio	cético
afetuoso	anti-social	autônomo	bom	chantagista
aflito	apaixonado	autoritário	bondoso	charmoso
afobado	apaixonante	auto-suficiente	brabo	chato
afoito	apaixonável	auto-sugestionável	bravo	chauvinista
ágil	apalermado	avaliador	brigão	cheiroso
agitadiço	apavorado	avarento	brigona	chique
agitado	apaziguador	ávaro	briguento	choringueiro
agitador	apaziguante	aventureiro	brilhante	chorão
agoniado	aperreado	averiguador	brincador	chorona
agradável	aprensivo	ávido	cabeçudo	choroso
agressivo	apressado	avoado	cabeludo	chulo
agressor	aproveitador	azarado	cabisbaixo	ciente
ajuizado	apto	babaca	cadavérico	cínico
ajustado	ardiloso	bacana	caído	cismado
alegre	argumentador	bagunçado	caladão	ciumento
alerta	arguto	bagunceiro	calado	coercitivo
alheio	arisco	bairrista	caladona	coerente
alienado	arrasado	baixo	calculista	coeso
aliviado	arredio	baixo-astral	calejado	coitado
altivo	arrepentido	bajulador	calhorda	colérico
altruísta	arretado	baratinado	calmo	combativo

comedido	construtivo	decidido	dominante	garoto
comilão	contagiante	dedicado	educado	gay
comodista	contemplador	deficiente	eficaz	generoso
cômodo	contente	delicado	eficiente	genial
companheiro	contestador	delinqüente	egocêntrico	genioso
compassivo	contido	delirante	egoísta	gentil
competente	contraditório	demente	emotivo	gentilíssimo
competitivo	contrariado	dependente	encabulado	genuíno
complexado	controlado	depressivo	entusiasmado	gira
complexo	controlador	deprimido	entusiasta	glutão
complicado	conturbador	desafiador	equilibrado	glutona
comportado	convencido	desajeitado	escandaloso	gostoso
compreensivo	conveniente	desajustado	escrupuloso	governado
compromissado	conversador	desamparado	esforçado	gozado
compulsivo	convicto	desanimado	esperto	gozador
comunicador	cooperador	desapegado	espontâneo	gracioso
comunicativo	cooperante	desatento	esquizofrênico	grosseirão
conceituado	cooperativo	desconfiado	esquizóide	grosseiro
conciliador	coordenado	descontente	eufórico	grosseirona
conciso	corajoso	descontraído	exagerado	grosso
condenado	cordial	descontrolado	exaltado	grotesco
condenador	correto	descuidado	excêntrico	guerreiro
condicionado	corriqueiro	desembaraçado	excepcional	guloso
condoído	corrompido	desenvolto	expansivo	hábil
confiado	corrupto	desequilibrado	experiente	habilidoso
confiante	corteador	desiludido	expressivo	harmonioso
confiável	cortês	desinibido	extra-sensível	harmonizador
confidente	coruja	desinteressado	extrovertido	hesitante
conflitante	cotado	desleal	falador	heterossexual
conflituoso	covarde	desligado	falante	higiênico
conformado	credibilíssimo	desmoralizado	falso	hilarante
conformista	crédulo	desmotivado	fantasioso	hilário
confortado	crente	desobediente	farsante	hipercrítico
confundido	crescido	desonesto	fechado	hiperexcitável
confuso	cretino	desorganizado	feliz	hipersensível
conhecido	criador	desorientado	fiel	hipocondríaco
conivente	criativo	despreocupado	firme	hipócrita
conquistador	cricri	destemido	flexível	histérico
consciencioso	criminoso	destrutivo	fóbico	homicida
consciente	criteroso	detalhista	forte	homossexual
côncio	crítico	determinado	fraco	honesto
conselheiro	cruel	dinâmico	frágil	hospitaleiro
conseqüente	cuidadoso	dispersivo	franco	hostil
conservado	culpado	disperso	frígido	humilde
considerado	culposo	displícite	frustrado	idealizador
consistente	cultivador	disposto	gaiato	idiota
consolidado	culto	dissimulado	galante	idôneo
conspirador	curioso	dócil	galanteador	ignorante
constrangedor	debochado	doentio	ganancioso	iluminado
constrito	decente	dominador	garganta	imaginativo

imaturo	indecente	intelectualizado	maluco	onipotente
imbecil	indecidido	inteligente	malvado	oportunista
imitador	indefeso	interessado	manhoso	opositor
imoderado	indelicado	interessante	maníaco	opressivo
imodesto	independente	interesseiro	maníaco-depressivo	opressor
imoral	indigno	invejável	masoquista	oprimido
impaciente	indisciplinado	invejoso	mau	optimista
imparcial	indiscreto	inventivo	mediocre	ordeiro
impassível	individualista	irônico	medroso	ordenado
impenetrável	indócil	irredutível	meigo	ordinário
imperativo	indolente	irrequieto	melancólico	organizado
imperturbável	indulgente	irresistível	meloso	orgulhoso
impetuoso	ineficaz	irreverente	mentiroso	oscilante
impiedoso	ineficiente	irritadiço	mesquinho	ostensivo
implicante	inescrupuloso	irritado	meticuloso	ostentador
imponente	inexperiente	irritante	metódico	otimista
impopular	inexpressivo	jóia	minucioso	ousado
impressionável	infame	jovem	misterioso	pacato
imprestável	infanticida	jovial	moderado	paciencioso
improdutivo	infantil	jururu	modesto	paciente
impróprio	infeliz	justo	mórbido	pacificador
improvisador	infiel	ladino	motivado	pacífico
imprudente	inflexível	lambão	negligente	palerma
impulsivo	influenciável	lamentoso	nervoso	palpiteiro
inábil	influyente	lamuriento	neuropata	pamonha
inabilidoso	ingênuo	lastimável	neuropsiquiátrico	panaca
inacessível	ingrato	leal	neurótico	pão-duro
inapto	inibido	legal	neurotizado	paradão
incapaz	inibidor	lépido	neurotizante	parado
incentivador	injusto	libertador	neutro	paradona
incisivo	inocente	libertino	nobre	paranóico
incitador	inovador	licencioso	nojento	parcial
incivilizado	inquieto	ligado	nômade	pasmo
incoerente	insano	limitado	normal	paspalhão
incompetente	insatisfeito	limítrofe	nostálgico	paspalhona
incompreendido	inseguro	livre	notável	passivo
incompreensível	insensato	lógico	obcecado	paternal
incompreensivo	insensível	louco	obcecador	pateta
inconformado	insinuador	lúcido	obediente	patético
inconsciente	insolente	lunático	obsceno	patife
inconseqüente	inspirado	machão	observador	patológico
inconstante	instável	maduro	obsessivo	patriarcal
incontrolado	instigador	malcomportado	obstinado	pecador
incontrolável	instintivo	maldoso	ocioso	peçonhento
inconveniente	insubordinado	maleável	odioso	pedante
incorrigível	insubornável	mal-educado	ofensivo	pegajoso
incorruptível	insultador	maléfico	oferecido	peitudo
incorrupto	insuportável	mal-humorado	oligofrênico	penetrante
incrédulo	íntegro	mal-intencionado	omisso	penitente
indagador	intelectual	malsucedido	omissor	pensador



pensativo	problemático	retrospectivo	sério	trapaceador
perfeccionista	produtivo	revoltado	severo	trapaceiro
perguntador	produtor	rígido	sexy	traquina
perigoso	proibidor	rigoroso	silencioso	traquinas
permissivo	promissor	risonho	simpático	travesso
perseverante	protetor	ríspido	simplista	triste
persistente	provocador	romântico	simulado	tristonho
personalista	prudente	rude	sincero	turrão
perspicaz	puritano	ruim	sistemático	turrona
persuasivo	puro	sabedor	sociável	unha-de-fome
perturbado	puxa-saco	sabido	sofredor	vacilante
perturbador	qualificado	sábio	solícito	vadio
perverso	qualificado	sádico	solidário	vagabundo
pervertido	quieto	sádico-anal	sonhador	vagaroso
pessimista	rabujento	sadio	sórdido	vaidoso
piadoso	ranzinza	sadista	sorridente	valentão
piegas	realista	sadomasoquista	sossegado	valente
pilantra	rebelde	sagaz	subconsciente	veloz
pirracento	recalcado	sanguinário	subjetivo	vencedor
polido	recatado	são	submisso	vencido
político	receoso	sapeca	subordinado	venenoso
politizado	receptivo	sarcástico	suicida	verdadeiro
ponderado	recriminador	satisfeito	sujeito	vergonhoso
ponderador	reflexivo	saudável	sutil	versátil
pontual	reivindicador	saudoso	tagarela	vexado
porcalhão	repetitivo	saudoso	talentoso	viciado
porcalhona	reprimido	sedutor	teimoso	vigilante
possessivo	repugnante	seguro	temperamental	vigoroso
pragmático	repulsivo	semiconsciente	tempestuoso	violento
prático	reservado	sem-vergonha	tenso	virtuoso
precoce	resmungão	sensato	tímido	vivaz
precursor	resmungona	sensível	tirano	vívido
predominante	respeitável	sensual	tola	vivo
preguiçoso	respeitoso	sentido	tolerante	voluntarioso
prepotente	respondão	sentimental	tolo	vulgar
prestativo	responsável	sentimentalista	traçoeiro	zangado
presunçoso	ressabiado	serelepe	tranquilo	zeloso
pretensioso	retraído	sereno	transtornado	

Recebido em 11/07/2003

Aceito em 08/10/2003